

Na Fortaleza de Peniche

## Espancamentos. Greve da fome. Mais deportados para a Bastilha da morte

Confirmando os maus tratos constantemente infligidos aos presos sociais, recebemos de Portugal os seguintes informes sobre o que se passou ultimamente em Peniche, fortaleza militar destinada a cárcere dos presos político sociais.

Tendo sido retirados os soldados que faziam a limpeza das casernas, quizo comandante da Fortaleza obrigar os presos a fazer esse trabalho. Como esies porém, se recusaram foi-lhes dado um prazo que de nada serviu. Os presos mantiveram-se na mesma atitude. E de 31 de maio a 4 de junho as coisas estiveram sem variar. No dia 5, foi mobilizada toda a policia e guarda republicana destacada em Peniche, e, armados até os dentes, invadiram uma caserna de cada vez. Seis presos da Sala 3 foram mandados sair e como se negassem foram metidos na caserna a coronhada. Na Sala 2 nomearam quatro para varrer e como estes se recusaram obrigaram-os pela violencia. Na Sala 1 foram nomeando e a medida que se recusavam eram metidos na casa-mata.

Os presos das Salas 1 e 3 declararam a greve da fome; e os da Sala 2 não a secundaram por considerarem que era um protesto inútil, sem eco fora da cárcere, devido ao regime de isolamento em que vivem todos os presos. No dia 6 repetiu-se a mesma cena, mas com maior violencia, resultando feridos os presos Adolfo Aiala, Pamiro de Cavalho Alberto Sequeira e Ariosto Mesquita, devido aos espancamentos de que foram vítimas todos os presos.

No dia 7 apartaram os que, em seu entender, se tinham salientado, vindo todos para a Sala 1. E no dia seguinte foram deportados para Angra do Heroísmo, no Arquipelago dos Açores a fortaleza já conhecida por «Bastilha da Morte», os seguintes presos:

João Salgueiro, Carlos Sevela, Manuel Oliveira, António Pires, Fernando Crus, Américo Ferreira, Alvaro Gonçalves, Armando Callet, António Mats, Francisco Cachapuz, Militao Ribeiro, Joaquim Rodrigues, Abilio Garradas, Ariosto Mesquita, Sérgio Vilharigues, José Bernardo, Bernardino Xavier, José António Machado e Bernabé J. Fernandes.

### A C. N. T. de Espanha e o movimento portuguez

No último Pleno nacional de Regionais da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha, o delegado da FAI fez um detalhado relato das circunstancias em que se encontra o movimento em Portugal e das dificuldades em que se debate, requerendo do Pleno que atenda ao que ali se passa, pois Portu-

De todos estes, só quatro estavam condenados a prisão maior, dois estavam esperando julgamento, outros já tinham cumprido a pena e outros estavam a acabar o tempo.

(Outras noticias dizem que depois de esta já se realizou uma nova leva). Comentários? Para quê? O descrito é bastante edificante para se compreender o terror que há em Portugal.

Como complemento temos a dizer que as «operações» foram dirigidas por um sargento da Guarda Republicana e o sub-chefe da P. S. P., 118, da 25 esquadra, salientando-se o 1.º cabo da G. N. R. n.º 31, da 1.ª companhia, todos comandados «de trás da cortina» pelo tenente Ferreira Marques de Infantaria 1, cujos nomes fazemos constar devidamente, para se lhes possa dar o «prémio» que merecem.

### O "anti-colaboracionismo" dos comunistas vermelhos

Para ninguém é segredo a tática usada pelos bolchevistas no que se refere a colaborar com os políticos mais ou menos reviralhistas em todos os países. E uma coisa são as suas palavras e outra os factos. Vejamos:

Em abril passado foi assinado entre os governos russo (proletário...) e francez, um acordo militar. E a «Humanité» órgão do P. Comunista francez, em 16-5 informa que «Staline compreende e aprova plenamente a politica de defesa nacional feita por França para manter a sua força ao nível da sua segurança». E os comunistas franceses que estavam fazendo uma campanha violentíssima contra a politica militar do imperialismo francez modificam completamente a sua tática e passam a justificá-la dizendo que a defesa militar de França é a defesa da Rússia.

Quando da queda do governo Flandrin o grupo parlamentar comunista resolveu «apoiar qualquer governo es-

gal é por demais importante para o movimento revolucionário ibérico.

Pelos acordos tomados, que foram mantidos com reservas devido ao seu carácter especial, temos motivos para esperar que num futuro muito próximo o acercamento entre o movimento libertário ibérico será algo de positivo e práctico.

querdista que esteja disposto a defender as liberdades democráticas».

Nas últimas eleições municipais, os comunistas fizeram allanças com os «social-traidores» e com o P. Radical-Socialista, o mais importante dos partidos burguezes franceses.

No comício do «Front populaire» patrocinado pelos comunistas, realizado em Montreuil, em 23 de junho, tomou parte Pierre Cot presidente da Comissão Parlamentar Aeronáutica, membro destacado do partido radical socialista e antigo ministro, e a quem a «Humanité» de 24 dedica grandes elogios.

Em 25 de junho uma delegação composta por Thorez e Renaud Jean, do P. Comunista; Leon Blum (20 vezes milionário) e Vincent Auriol, do P. Socialista; Yvon Delbos, vice-presidente da Camara dos Deputados e Eduardo Deladier, ex-presidente do ministério, do P. Radical socialista, visitaram o governo, protestando contra o desenvolvimento das ligas fascistas. («Humanité» 26-6-35).

E nunca mais terminariamos, citando factos como estes. Supomos, porém, que estas amostras, por agora já servem para aquilatar da honestidade dos bolchevistas quando nos acusam de entendimentos com os políticos reviralhistas.

Eles, que nada querem com os homens de revirvalho (aí! que se quizessemos falar disto!) fazem frentes comuns com os reaccionários franceses, com os militaristas e com os fabricantes de canhões apoiando a politica militar de França que é inspirada pela Internacional dos Armamentos.

E o P. radical socialista francez, cujo presidente é Briot, actual ministro de Estado, e que conta ainda, no governo mais seis ministros é aquele com o qual os comunistas teem compromissos eleitorais e buscam para aliardosnos protestos que fazem ao governo, cuja maioria é de... radicais socialistas.

E vamos a acreditar no revolucionarismo destas gentes?

Sobre isto deviam abrir os olhos os operários que ainda se deixam levar nos seus cantos de sereia.

### Para os leitores

REBELIAO distribue-se gratuitamente. Jornal de propaganda anarquista, feito com o esforço de umas dezenas de camaradas, destina-se sobretudo a combater a tirania imperante em Portugal.

Agora bem. Todos os que nos leem podem prestar a sua ajuda á nossa obra contribuindo da maneira que lhes convenha, moral e materialmente para o fim comum. Auxiliando a CGT ou a FARP, a imprensa clandestina libertária, contribuindo para os presos e perseguidos, etc., tudo isto representa um auxílio ao nosso jornal.

Que todos saibam compreender-nos e que todos saibam corresponder, é o nosso maior desejo.

Mais vale morrer de pé que viver de joelhos

# Contra a ditadura - FAI - Pelo comunismo libertário

## REBELIAO

Jornal da Federação dos Anarquistas Portuguezes Exilados (FAPE) Aderente á Federação Anarquista Ibérica (FAI).

N.º 2 - 2.ª época

Agosto de 1935

Preço voluntário

### Prossequimos na mesma luta...

A maneira como foi recebido o suplemento; a importância considerável que para todas as nossas actividades ele representa, a dureza de luta que se apresenta cada dia mais implacável tudo nos dá força para prosseguir.

A luta contra a ditadura saiu já há muito tempo do estreito marco de tirar o Salazar para colocar um outro qualquer. Hoje já se quer outra coisa. As provas que a democracia vem dando em todas as partes são bastante claras para que confiemos nella e nas promessas — sempre as mesmas — dos seus representantes.

A situação modificou-se completamente e mais do que nunca necessitam hoje os anarquistas marcar as suas posições muito claras, não dando lugar a dúvidas de nenhuma espécie.

Sem perder de vista que a situação portuguesa é diferente da situação espanhola, que as suas características apresentam matizes especiais, não podemos deixar de fazer um importante detalhe: que a revolução espanhola tem que ser ibérica. Portanto e embora em Portugal os acontecimentos tenham um aspecto diferente daqueles que se produzirão em Espanha, não devemos perder de vista que, fundamentalmente levarão o mesmo caminho: luta contra o capitalismo, luta contra o Estado; instauração do comunismo libertário.

Sabemos bem que sós, com as próprias forças não estamos capazes, agora na região portuguesa, de realizar rapidamente os nossos objectivos. Mas sabemos também que o queremos fazer. E isto é tão importante como aquilo. Conhecemos as nossas forças e sabemos aonde queremos ir. E iremos. Sem gritos, mas com firmeza.

Aderentes á Federação Anarquista Ibérica, completamente identificados com os seus objectivos e integrados nas suas táticas de luta, sabemos o que representa o desprezo pela vida e o sacrificio pelas ideias de que todos os dias os componentes da FAI dão exuberantes provas.

Conhecemos o valor das convicções e o que elas representam para os idealistas sinceros. E já que no terreno da luta contra a ditadura salazaresca nos encontramos muitas vezes com adversários, muito distanciados de nós pelas suas ideias burguezas e autoritárias, e assim como queremos o respeito para a nossa qualidade de anarquistas, também por eles temos o mesmo respeito, pese á distancia que nos separa.

Creada especialmente para o combate contra a ditadura, algumas vezes coincidirá a nossa organização com esses adversários que não deixam de se-lo pelo facto de combater o actual inimigo comum. Mas, pese a essa momentanea

coincidencia, nós não temos de comum com eles, chamem-se esquerdistas ou comunistas, pois todos querem o derubamento de Oliveira Salazar para se colocarem eles e nos queremos derrubar o Salazar para não deixar que ninguém se coloque no poder.

Queremos que sejam os sindicatos operários que tomem conta da produção e organizem o consumo e queremos que sejam os produtores úteis os que deliberem sobre a maneira de organizar a vida. E esta nossa maneira de ver está em pugna aberta com as de todos os outros adversários da ditadura — de Salazar.

Em crise em todas as partes, o Estado busca meios heróicos para salvar-se — e prova disso são as ditaduras. Não o conseguirá, porém, pese a todos os seus esforços.

E só os anarquistas com todo o vastíssimo caudal de ensinamentos, aprendidos em mais de meio século de luta activa e persistente são capazes de apresentar as soluções desejadas para organizar uma nova vida baseada na satisfação das necessidades da grande massa humana e dentro de todos os aperfeiçoamentos de Técnica e da Ciência.

Só o comunismo libertário solucionará o caos em que nos debatemos e só com o seu estabelecimento conseguiremos livrar-nos — e para sempre — de todas as misérias que hoje nos afligem.

### Que o saibam todos

Os anarquistas estamos dispostos — e desde a primeira hora e em todos os momentos — temos demonstrado — a empregar o melhor dos nossos esforços contra a Ditadura. Acerca disto quasi é ocioso falarmos. Porém, desejamos dizer algo também sobre o qual se já algumas vezes falamos, é conveniente insistir.

A luta contra a ditadura tem que ser levada num sentido claramente anti estatal e anti-capitalista. Nós vamos contra a ditadura, nós estamos na primeira linha na luta contra o despotismo salazaresco. Mas nós estamos dispostos a usar todos os meios para impedir que outro governo se sente no poder. Seja qual for a sua cor.

Nós queremos que seja o povo — o único soberano — quem livremente determine nos seus sindicatos e em assembleias populares, a maneira como organizará a vida. Nós instauraremos as comunas livres. Nós porremos em prática a nossa concepção da sociedade, organiza-

da de abaixo para cima. Nós evitaremos que a um despotismo ou a outro, tenha o rótulo que tenha, por muito ofuscante que seja.

E que o tenham presente todos os políticos — que, agora, se encontram em litígio com a actual ditadura, pretos, brancos ou vermelhos, nós, anarquistas, lhes dizemos: estamos contra a ditadura Salazar-Carmona, mas estamos, também, contra eles. Nós queremos fazer a revolução social, queremos instaurar o comunismo libertário. Nós pertencemos á Federa. Anarquista Ibérica e estamos identificados com a Confederação Nacional do Trabalho de Espanha que querem implantar o comunismo libertário em Espanha. E trabalharemos neste sentido contra a ditadura, contra o Estado e contra o capitalismo, colaborando e intensificando trabalhos para que Portugal corresponda ao grito de liberdade que num futuro muito próximo se ouvirá de um ao outro extremo da Península Ibérica.

Estamos obrigados a falar claro em todos os momentos. E fieis ao nosso velho costume, queremos, uma vez mais, remarcarmos o sítio aonde estamos, embora ele seja bem conhecido.

**Presos e deportados muitas centenas de homens soltem a ferocidade ditatorial.**

**Reclamai anistia para eles.**

## A TERRA AO CAMPONEZ - A FABRICA AO OPERARIO

Pelos caídos

## Uma campanha por uma ampla anistia

Uma das facetas da nossa permanente propaganda é a que se refere á solidariedade aos nossos presos e perseguidos. Solidariedade moral e solidariedade material. E se neste último aspecto o que se fez até agora está longe de corresponder ás necessidades, é consolador verificar que mais ou menos sempre se tem cumprido.

Existe entretanto o outro aspecto que também é importante: o apoio moral. Nas cárceres, no desterro ou deportados sofre-se o inenarrável. Os sofrimentos, as torturas, morais e físicas, tudo sofrem os presos político-sociais numa maneira indisciplinável. Todos os processos tem sido usados pelos esbirros de Salazar; nada existe de suplícios que eles tenham esquecido. E depois as coisas humilhantes a que os sujeitam; o desprezo com que os tratam, completam todo o processo degradante da vida (se se pode chamar vida...) de muitas centenas de homens que cometeram o nefando crime de desejar um pouco mais de liberdade e de bem estar para o povo que sofre todas as misérias.

Contra tudo isto temos que levantar a nossa voz. Para terminar com este estado de coisas, temos que por em prática tudo o esteja ao nosso alcance. Temos que intensificar uma forte campanha pró-anistia. Reclamar para a vida aos homens que apodrecem nas cadeias. Fazer chegar aos ouvidos dos tiranos os nossos gritos justiceiros.

E só a liberdade conseguida no mais curto prazo de tempo poderá reparar um pouco os crimes que se tem cometido e

que se cometem; e salvar muitos homens que se tuberculizam e se morrem...

Trabalhadores! Homens de sentimentos nobres! Mulheres que tendes filhos e esposos! Ajudai a campanha pró-anistia! Contribuí a que sejam restituí-

## Um punhado de notícias nossas

### Um congresso

Na Suécia realizou-se últimamente o congresso da S. A. C., aderente à A. I. T. e no qual participaram 700 delegados, representando 40.000 trabalhadores e estando também representadas a A. I. T. e a C. N. T.

No congresso, que era ao mesmo tempo comemorativo do 25.º aniversário da S. A. C., tomaram-se importantes acordos, e dos mais notáveis o tomado contra a guerra, tendo o congresso resolvido iniciar uma forte campanha que começou já, publicando-se 200.000 exemplares dum folheto antimilitarista.

A organização sueca sindicalista libertária publica dois diários e tem uma editorial própria, sendo a iniciadora do boicote contra os produtos alemães que em Suécia é quasi absoluto. Um exemplo: o cine alemão desapareceu quasi totalmente, segundo confessaram os próprios empresários cinematográficos.

Conta também com um forte movimento de juvenudes que agrupa na actualidade 5.000 jovens organizados excelentemente.

Entre a nuvem negra que por todas as partes se levanta pretendendo esconder a liberdade, desponta este formoso movimento sueco que, dada sua tradicional seriedade representa uma fundada esperança para todo o movimento libertário.

### Uma biografia

A «Soli», de Barcelona começou publicando a biografia de Maria Spiridonova, a heróica revolucionária russa, que matou o sanguinário general Luzhenovskv, e que foi deportada para a Sibéria, acusada como muitos anarquistas e anarco-sindicalistas de actividades contra-revolucionárias.

### O único verdadeiro

Pese á aliança dos comunistas, «social-traidores» e radicais (representados no governo por sete ministros) a ofensiva governamental, em França, contra os salários prossegue cada vez mais fortemente. Como consequência numerosos tumultos se estão produzindo em toda a França e o proletariado parece disposto a usar os meios de acção directa, os

dos á liberdade homens que só querem o bem estar dos seus semelhantes; cujo grande crime é o de quererem pensar livremente.

E nós, anarquistas, operários revolucionários! Impulsemos esta luta pela liberdade dos caídos. Que o nosso grito a favor de **TODOS** os presos, deportados e desterrados, seja um só:

**ANISTIA!**

únicos para combater a prepotência e dos quais tanto tempo tem estado apartado pelos partidos «proletários».

A CGT-R, secção francesa da AIT, há muito tempo que estava desenvolvendo uma activa campanha neste sentido e ve-se que as advertências feitas não tem caído em saco roto.

### Um conflito

A greve da Carris de Barcelona, declarada em fins de 1933 e da qual resultaram despedidos cerca de 400 operários tem provocado tantos actos de sabotage, que se calcula em 50 milhões de pesetas as perdas da Companhia. Devido a isto em Barcelona está declarado o estado de guerra e a cidade parece um grande campo militar patrulhada por numerosas forças de guarda de assalto, civil, e segurança, que continuamente percorrem as ruas, em motos, automóveis, bicicletas, a cavalo e a pé, e aos quais se juntam pela noite forças do exército.

O sindicato do Transporte, afectado por este conflito é aderente à C. N. T.

## Uma advertencia

A impossibilidade de prosseguir publicando REBELIAO dactilografado, leva-nos a fazer um novo esforço e publicá-lo impresso. E isto por terem sido apreendidas pela policia as máquinas de escrever e multicopista aonde o faziamos. Além disso a necessidade de regular a saída do nosso jornal, levounos a transferir a sua factura para França, a cargo de um dos grupos ali residentes e aonde existem maiores possibilidades que na Península.

As despesas aumentam um pouco mais, devido ao correio que é muito mais caro e esperamos que todos nos ajudem como é devido.

### IMPORTANTE

Todos os camaradas que nos escrevem para o nosso apartado de Madrid, devem abster-se de fazê-lo.

A «Tierra y Libertad», de Barcelona ou «A Plebe», de S. Paulo, deve ser pedido o novo endereço.

# Os anarquistas e o momento actual do mundo

REORGANIZAÇÃO ECONOMICA E SOCIAL

Se queremos salvar-nos temos que fazer uma mudança radical, económica, e social, de forma que os lugares de trabalho sejam abertos a todos os que desejam trabalhar, que as barreiras que impedem o livre cambio dos valores produtivos, intelectuais e artisticos sejam suprimidas para sempre, que exista o equilibrio inevitável entre os meios de que dispomos para viver melhor e a impossibilidade de po-los em andamento em beneficio das tradições inerentes do capitalismo. Em vez de continuar mantendo um regime político e económico que, por um lado, deixa no desemprego muitos milhões de operários industriais e de trabalhadores do campo, além de sustentar muitíssimos milhões de parasitas em trabalhos inúteis do organismo estatal e dos privilégios de classe, o que implica pelo menos tres partes improdutivas sobre uma que trabalha e produz; em vez de se viver sómente para encher o tonel sem fundo do estatismo e saciar os apetites das minorias privilegiadas, é preciso organizarmo-nos, como produtores e consumidores, de uma maneira eficiente que permita o entendimento fraterno na produção e no consumo equitativo e igualitário da riqueza social.

A tarefa é simples: em cada lugar de trabalho—fábrica, fazenda, mina, navio escola, etc—o seu pessoal se encarrega do seu trabalho directamente sem intromissão do Estado e sem reconhecimento prévio da propriedade capitalista.

**TUDO FOI CRIADO PELO TRABALHO, E O QUE FOI USURPADO A COLECTIVIDADE PELA ASTUCIA OU PELA FORÇA, PARA CHEGAR A SITUAÇÃO CATASTROFICA E M QUE NOS ENCONTRAMOS, DEVE VOLTAR AO TRABALHO. LEGITIMO DONO DE TUDO.** Esses produtores se associam com os trabalhadores de outros ramos de indústria local, organizando-se depois ás indústrias e centros de trabalho vizinhos, e, finalmente, a todo o país, regularizando o intercambio e integrando no processo produtivo os milhões de seres que hoje se encontram indevidamente á margem do mesmo. Os organismos operários contem já princípios de uma possível ordem económica imediata através dos seus organismos sindicais, corporativos, etc.

Nem o capitalismo nem o Estado tem uma base de acção económica completa como a que tem os organismos operários. Com eles seria fácil hoje mesmo controlar a produção e o consumo de acordo com o princípio de satisfazer todas as necessidades. Com isso ganhariam até mesmo os parasitas, os que por nascimento ou outras circunstancias resultantes da maneira como está constituída a sociedade se acham á margem das actividades produtivas, em lugares que intimamente talvez lhes repugnem, como por exemplo as de simples caes de guarda da burguesia.

Com qualquer que seja o regime político estatal, teremos de un lado uma infima minoria que pode gozar a vida;

Excerpto de um artigo de D. A. de S. com o mesmo título

a vida; seguindo-lhe os passos, para defender-lhe os privilégios, exércitos de soldados, de policia e burocratas,

## Objectivos e fins da F. A. P. E.

Embora já algumas vezes dito, parece-nos útil remarcar que a FAPE está constituída para:

1.º Estabelecer e apertar relações entre todos os anarquistas e simpatizantes, perseguidos e exilados, incluindo aqueles que se encontram deportados nas colónias, permutando entre todos informes do que se passa em Portugal e juntando num esforço único todos os esforços dispersos contra a ditadura, siempre orientados no claro sentido ideológico, social e revolucionário das nossas ideias.

2.º Combater por todos meios a ditadura portuguesa, prestando o máximo auxilio ás nossas organizações, Federação Anarquista da Regiao Portuguesa e Confederação Geral do Trabalho e buscando o auxilio do movimento libertário ibérico, C. N. T. e F. A. I., e de todas as dos outros países afins.

3.º Activar coordenadamente no exterior a campanha contra a ditadura, divulgando nos jornais estrangeiros os seus crimes e as terríveis circunstancias em que se vive em Portugal, tanto moral como economicamente e buscando interessar a opinião pública internacional pelo que passa em Portugal. Procurar introduzir no país propaganda revolucionária intensificando as nossas ideias e esclarecendo o labor dissolvente dos grupos pseudo-revolucionários. E também auxiliar a C. G. T. e a F. A. R. P. nas suas tarefas proselitistas e esclarecedoras dos trabalhadores ainda enganados pela política.

4.º Angariar fundos para os presos e perseguidos e para auxiliar a imprensa clandestina.

Eis, sinteticamente os nossos objectivos. E podemos estar satisfeitos do trabalho até agora realizado, pois se tem havido deficiencias elas se devem á irregularidade própria do seu desenvolvimento clandestino e também das perseguições que continuamos sofrendo os seus componentes.

Mas é necessário que o nosso trabalho seja ainda mais activado. Os grupos e camaradas isolados tem a palavra. Devemos buscar núcleos de portugueses e relacioná-los conosco, de maneira que o círculo da nossa influencia possa alargar-se, fazendo mais eficiente a nossa propaganda e portanto de maior utilidade a luta contra o fascismo portuguez.

sem contar as séries sem fim de intermediários inúteis, da engrenagem comercial, industrial e financeira do capitalismo; do outro lado uma massa trabalhadora degenerando na miséria anemizando-se, sem energia, sem vontade, sem nervos. Sómente socializando-se a riqueza, a tomada e possessão das fábricas, dos meios de transporte, das minas, das escolas, das terras pelos que trabalham, pode fazer-se do mundo uma vasta comunidade igualitária do trabalho e transformar-se em poucos anos, o seu aspecto e as suas possibilidades materiais e humanas.

### DOIS CAMINHOS

Tornamos o repetir o que já temos dito muitas vezes. É preciso que nos decidamos, de uma vez por todas, a escolher o caminho que devemos seguir: De um lado está o Estado, quer dizer o capitalismo, que significa a guerra, o desemprego, o esmagamento dos produtores por pesadas cargas fiscais e pelas perseguições a tudo o que representa pensamento livre; do outro lado, a socialização da economia, o entendimento directo dos produtores para regular a produção e o consumo segundo as suas necessidades, sem tributos ao Estado, sem beneficio de empresa, sem interesse de capital, sem arrendamento das terras, sem o parasitismo político, económico e social, sem trabalhos improdutivos e socialmente prejudiciais, sem perigo de morte prematura pela guerra e pelo aniquilamento. Um destes dois caminhos temos que escolher.

E quizeramos que os que todavia creem nas ditaduras, nos mitos de governos proletários, compreendessem, pois já é hora, que o capitalismo de Estado longe de suprimir o capitalismo só conduz a reanimá-lo, embora passageiramente; que o governo do «proletariado», é um governo como qualquer outro, pior ainda, porque liga espiritualmente a si os trabalhador que esperam solucionar—o é impossível existindo o Estado.

Há uma estrada diferente a seguir, a nossa, a da socialização e acordo mutuo dos produtores, de todos os produtores que de facto o sejam, de todos os consumidores, á margem das suas ideias religiosas, políticas e sociais, pois tem o mesmo interesse básico: **PODER POSSUIR O PRODUTO DO SEU TRABALHO** E como todos os aspiram a isso, pouco importa se há quem creia em Deus ou no Diabo, se sao religiosos ou ateus, católicos ou protestantes, conservadores ou socialistas. Nós propomos a única maneira de poder realizar-se esse ideal dos que trabalham: O ideal de possuir o produto íntegro do seu trabalho, só é possível numa economia socializada. Por esse caminho o mundo se converterá numa alavanca de energias produtivas e mostrará a senda que conduz á liberdade e á felicidade, ao aproveitamento pleno da ciencia e da técnica para prosperar e progredir até o infinito. Se todos reflectissem um pouco, veriam que até mesmo o patriotismo precisa tomar o caminho da socialização, que é o caminho da vida, do trabalho de todos e para todos, de segurança geral.